

Percorrendo a origem, ascensão e evolução da Teoria Queer ¹

Kerlon de Souza Santos e Yann Souza de Oliveira ²

Rose Mara Vidal de Souza ³

Faculdade Estácio de Sá Vitória - FESV

Resumo

Este trabalho tem como objetivo percorrer a história Queer, traduzida como estranho e excêntrico, que logo originizou-se uma Teoria, tendo o intuito de buscar e entender suas características, dificuldades e a falta de representatividade. Surgiu nas décadas de 80 e 90, originada do encontro dos estudos culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, teve como referencial teórico os estudos de Michel Foucault, Jacques Derrida e Judith Butler. Os estudos dessa teoria adquirem todo seu poder e representam a transgressão quanto a sociedade cis-heteronormativa, destacando a realidade social e cultural de uma minoria excluída - a comunidade LGBTQ+. A teoria queer é a cultura de uma minoria social, porém sendo uma maioria em riqueza e diversidade que almeja voz, representação e inclusão na sociedade, mesmo ela sendo heteronormativa e centralizadora.

Palavras-chave: Teoria Queer; Sexualidade; Minoria; Gênero; Cultura.

Abstract

This work aims to explore the Queer story, translated as strange and eccentric, which soon originated a Theory, aiming to seek and understand its characteristics, difficulties and lack of representativeness. It emerged in the 80's and 90's, originated from the meeting of American cultural studies with French post-structuralism, had as theoretical reference the studies of Michel Foucault, Jacques Derrida and Judith Butler. The studies of this theory acquire all their power and represent the transgression as cis-heteronormative society, highlighting the social and cultural reality of a excluded minority - the LGBTQ + community. Queer theory is the culture of a social minority, but it is a majority in wealth and diversity that seeks voice, representation and inclusion in society, even though it is heteronormative and centralizing.

Keywords: Queer theory; Sexuality; Minority; Gender; Culture.

1 Introdução

As questões de gênero, há séculos, vêm sendo discutidas em várias partes do mundo. Nos anos 80 e 90, começaram estudos sobre uma nova teoria - a Teoria Queer. A princípio, a ideia dos teóricos que estudaram ela era de positivar esta conhecida forma pejorativa de se dirigir aos homossexuais. Para Butler, uma das precursoras da teoria, o termo tem sido usado como prática linguística para rebaixar os sujeitos os quais se refere. Por isso, tiveram como ideia dar outro significado para a palavra, dando-se a entender queer como forma de vida que vai contra todas as regras que são socialmente aceitas.

¹ Trabalho apresentado na Intercom Júnior de XXXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Alunos graduandos do curso de publicidade e propaganda da Faculdade Estácio de Sá Vitória - FESV.

kerlonsantos2@gmail.com / contatoyanzito@gmail.com

³ Doutora em Comunicação Social e professora. rosevidal@yahoo.com.br

Perante o exposto, este trabalho apresenta como problemas de pesquisa: a escassez de conteúdo, devido ao tema não ter sido diluído dentro da comunidade acadêmica; a infinidade de possibilidades em “ser Queer”, como o termo tem um significado amplo dificulta a pesquisa direta; a ausência do conhecimento do termo e a falta de visibilidade dessa Teoria. Como objetivo geral o trabalho se propôs a percorrer a história da Teoria Queer no Brasil e no mundo, a fim de entender suas características, dificuldades e a falta de representatividade da população queer.

Para atingir o objetivo geral, foram propostos as seguintes etapas: Conhecer a história da teoria; analisar a sua história no país e trabalhos que dão visibilidade para a população queer.

Como procedimento metodológico, a pesquisa é do tipo exploratória. Esse tipo de pesquisa têm como objetivo de proporcionar uma visão geral sobre certo assunto, tendo em vista desenvolver, esclarecer e/ou modificar conceitos e ideias, formulando-se problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (GIL, 1999).

A técnica de investigação utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica e documental, seguida da pesquisa de campo. Na pesquisa bibliográfica os autores de base deste estudo foram: Judith Butler (2003), Michel Foucault (1999) e Sara Salih (2012). Na pesquisa documental utilizou de dados recebidos de pessoas que se identificam ou não queer.

A terceira técnica de pesquisa, a de campo, caracteriza-se pela coleta de informações sobre o problema estudado, feita diretamente com pessoas em que se deseja conhecer o comportamento. (GIL, 1999).

Com relação ao local de coleta, a pesquisa foi realizada pela ferramenta de pesquisa Google Formulários, disponibilizada pelo mesmo. Para divulgação da pesquisa, utilizou das redes sociais, tais como: Facebook, Whatsapp, Instagram e Twitter.

Os sujeitos participantes das pesquisas foram pessoas atingidas pelo efeito “Teia de Contatos”, ou seja, a pesquisa foi produzida e quando pronta foi enviada individualmente para pessoas de grupos e nichos sociais distintos que, por sua vez, enviaram para conhecidos, dando grande amplitude de pessoas e de grupos sociais, com alcance de aproximadamente 300 pessoas, tendo respostas variadas e que, consecutivamente, aproximam-se de suas realidades individuais.

2 - Origem do termo e da teoria Queer

O termo Queer surgiu há bastante tempo na Inglaterra, num lugar chamado “Queer Street” (“Avenida Queer”) que era, basicamente, um local onde haviam apenas pessoas não aceitas e discriminadas pela sociedade, LGBT’s e também por motivos diversos, como, por exemplo: prostitutas e devedores. Esse termo sempre teve o intuito de ofender os que fossem assim denominados. Não existe um significado preciso para ele em português, porém existem termos aqui que se assemelham, como: “viado”, “bixa”, “sapatão”, entre outros que variam em localização ou nível social. Mas todos eles têm o mesmo ideal,

ofender pessoas que possuem sexualidade, gênero e estilo de vida diferente do que é socialmente aceito.

“A expressão do termo “*queer*” constitui uma apropriação radical de um termo que tinha sido usado anteriormente para ofender e insultar, pelo menos em parte, na sua resistência a definição - por assim dizer - fácil.” (Sara Salih, 2012, p. 19).

Um dos primeiros casos “extremos”, em relação a origem do termo Queer, foi o de Oscar Wilde. Ele foi um grande escritor irlandês, autor de vários livros, novelas e poesias, preso por “cometer atos imorais com diversos rapazes” sendo um deles filho do Marquês de Queensberru e, por esse motivo, passou cerca de dois anos na prisão, sendo seu terceiro julgamento pelo mesmo motivo. Usando essa situação como parâmetro, é claro observar que qualquer variação ao padrão cis-heteronormativo era, e ainda é, de certa forma, mal visto pela sociedade, sofrendo diversas represálias.

O possível “motivo” ou “razão” para que essas situações viessem a existir é algo intrigante. O porquê de alguém ser diferente fisicamente ou mentalmente de outra pessoa geraria uma situação problemática? O porquê da existência diversa de outro ser afetar tanto em alguém completamente fora do seu meio de convivência, sem ao menos sofrer mínimas consequências de suas atitudes? Isso pode abrir algumas linhas de pensamentos, onde muitos pensadores poderiam se direcionar.

Uma dessas linhas veio a ser contemplada pelos pensamentos de Judith Butler, professora de retórica e literatura comparada na Universidade da Califórnia, uma pensadora que carregou consigo várias perguntas, o que foi um motivo para que começasse a escrever seus textos. Em seu livro *Problemas de Gênero (2003)*, o qual é utilizado como base para este artigo, utiliza-se da noção hegeliana da dialética, onde apresenta-se uma tese que é negada na antítese e resolvida pela síntese que gera outra tese, formando assim uma forma circular de questionamentos. Em virtude disso, seus textos apresentam muitas perguntas que nem sempre precisam de uma resposta, isso porque Butler não busca uma “verdade absoluta” para suas perguntas, pois para ela as teorias que se apresentam como “verdadeiras” são pressupostos ideológicos que oprimem certos grupos sociais.

Um dos acontecimentos que levou Butler a esse “Caminho Queer” foi a epidemia de Aids nas décadas de 80 e 90, o que trouxe outro fator determinante, a reação das pessoas a essa epidemia. Muitos dos cidadãos “normais”, que basicamente são aqueles adeptos à heteronormatividade, viram a epidemia como uma “Praga Gay”, culpabilizando completamente gays e lésbicas da época, atualmente conhecidos como comunidade LGBTQ+. Essa reação aos olhos de Butler foi algo que levaria em consideração para seus futuros pensamentos.

3 Evolução e variações da Teoria Queer

Os estudos para a formação da Teoria Queer começaram no início dos anos 80, com um grupo de pesquisadores e ativistas nos Estados Unidos. Era visível o posicionamento da sociedade na época, esse tópico era muito mal visto pelos demais, um “padrão” heterossexual era, e ainda é, imposto e mantido pela maioria, como se apenas o estilo de

vida heterossexual estivesse correto. Isso veio de alguns pensamentos que conectam a heteronormatividade com a reprodução, levando a ideia de que como só casais héteros conseguem gerar a reprodução, só casais héteros representam o que deveria ser correto.

O nome dessa problemática seria dado pelos pesquisadores como: Heteronormatividade homofóbica. Como se a existência homossexual fosse um equívoco ou sinônimo de imoralidade, tendo visto que a heterossexualidade supre o que é “necessário” para a continuidade da sociedade. Outro fator dentro da Teoria Queer, é que nem sempre essas variações ao “padrão heterossexual” são relacionadas a sexualidade, o gênero em si já é uma grande quebra. O que temos em relação a gênero aceito atualmente é o Binarismo, basicamente homem (masculino) e mulher (feminino).

O gênero é algo que por muito tempo foi dominado por estereótipos moldados por tradições e hábitos que temos sem ao menos perceber, exemplo disso é uma mulher estar grávida de um menino e decorar seu quarto com azul, por que conectamos diretamente o azul com masculinidade, assim como rosa a feminilidade. Brinquedos específicos são dados para meninas e para meninos, na maioria das vezes sem perguntar o que de fato eles têm interesse ou pior, levando eles a acreditar que só podem gostar desse tipo de coisa, o que é um pensamento ainda mais retrógrado.

“O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (Butler, 2002, p. 64).

No final das contas Queer não é uma “coisa”, Queer é toda uma existência incapaz de ser limitada e padronizada; é toda uma vivência infinita e ao mesmo tempo individual, duas pessoas que podem se identificar como Queer não necessariamente serão iguais ou nem sequer próximas, podem ser completamente diferentes uma da outra e isso que torna Queer algo ainda mais amplo, pois não se trata apenas de uma sexualidade ou de um gênero específico, trata-se de um abraço coletivo entre todas essas classes que fogem da heteronormatividade. Não se trata apenas de algo fixo e linear, como a heterossexualidade, trata-se de algo infinito e variado, repleto de diversidade.

É possível ousar em dizer que o termo “Queer” é capaz de substituir todas as siglas da Comunidade LGBTQ+, por que esse termo representa de fato toda essa diversidade de uma forma que nenhum deles fique de fora e ao mesmo tempo sem invisibilizar alguns deles. Pessoas que se veem dentro de Queer não buscam estar no meio da sociedade, apenas o direito de viver e se expressar da forma que bem entendem sem sofrer represálias e sem o medo de que sua existência seja um erro ou uma abominação, como é dito por muitos. Esse pensamento é muito bem traduzido por um dizer de uma Doutora em Educação e Professora Titular aposentada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Guacira Lopes Louro (2004), que afirma:

“Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante - homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de

pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda perturba, provoca e fascina”.

4 Características, dificuldades e representatividade

Como foi dito nos capítulos anteriores, Queer é algo complicado de ser rotulado, afinal a ideia do termo é a fuga desses estereótipos. Logo, dizer o que é e o que não é Queer é algo minimamente complicado, mas a base de suas características alcança tudo aquilo que está fora do que é padronizado e ditado pela sociedade de uma forma geral. Para “ser um homem” em nossa sociedade é “necessário” ter alguns requisitos, que obviamente são construções sociais impostas para que nos encaixemos: ser másculo, corajoso, forte, independente, entre outros. Já “ser mulher” têm a ver com feminilidade: cuidar da família, gentileza, fragilidade. É claro que tudo isso não passa de uma ilusão que é absorvida pelo nosso convívio em sociedade, esses estereótipos são o completo oposto de “ser Queer”, afinal o termo, como já foi dito, vem de tudo que foge dos padrões cis-heteronormativos, essa ideia de que o homem “tem” que ser algo ou que a mulher “tem” que ser assim.

Queer é sobre você se identificar como de fato é, algo bem complexo de ser pensado, afinal todos nós, sem exceção, somos manipulados e afetados pelas “regras” impostas pela sociedade, para que possamos nos adaptar e sermos aceitos por certo grupo social. Assim como o termo LGBTQ+ abrange um grande número de pessoas diferentes umas das outras, Queer consegue ser um pouco mais profundo, dizendo que você não precisa ter cabelo colorido, roupas extravagantes ou ser “chamativo” demais; você pode ser simplesmente do jeito que é, não precisa ser um homem bruto e masculino, nem um mulher frágil e feminina, o uso desses rótulos se afasta completamente do que é Queer.

Tudo começa a se tornar um problema no que foi dito, afinal o sistema em que a sociedade se encontra, mesmo sendo cada vez mais minimizado, dita como você deve ser e quando não aceita essa imposição sofre diversas represálias, desde algo banal como olhares tortos até a violência física, simplesmente por não ser igual aos demais. Em todos os ambientes, sejam físicos ou sociais, pessoas que não entram nesse “molde social” vivenciam muitos problemas, como por exemplo: não conseguir emprego; não poder frequentar determinados locais, por medo ou por não ser permitido; violência física, verbal ou até mesmo emocional vinda de qualquer lugar, tanto de desconhecidos na rua quanto dentro de casa, dos pais ou familiares, o que torna essa luta ainda mais árdua e cansativa.

Antigamente, existiam muito menos oportunidades e visibilidade para esses grupos de pessoas, LGBTQ+ e Queer’s. Não recebiam visibilidade em televisões ou nas ruas, ou se recebiam, eram transformados em caricaturas para gerar humor ou repulsa. Claro que existem exceções, grandes nomes dos anos 80, 90 e 2000 que representavam grupos específicos dessas comunidades. Afinal, como já foi dito, é muito complicado categorizar todas essas pessoas em um rótulo, pois possuem uma grande diversidade. Entretanto, agora, podemos ver muito mais desses grupos sendo representados, seja na televisão; nos jornais; nos rádios; panfletos e outdoor, podendo ser desde Drag Queens (personas artísticas) até pessoas que realmente fogem dos estereótipos sem a parte “artística”, o que é muito

importante para que outros possam se identificar e se empoderar, sem sucumbir aos padrões que vemos todos os dias, que ainda são mantidos e idolatrados.

Aos poucos, nomes LGBTQ+ vem à tona e estão frequentemente sendo falados nos grandes meios de comunicação, o que traz ainda mais representatividade e visibilidade a essa minoria excluída, mas que vêm lutando por seu espaço mesmo ainda sendo discriminada cotidianamente. Ataques de grupos conservadores são comuns a esses nomes LGBT's que surgem na mídia, ainda sendo um assunto delicado para ser abordado, porque nossa sociedade é baseada em normas religiosas, que como de costume lutam contra a liberdade dessas minorias.

Exemplos mais perturbadores de discriminação LGBTQ+ podem ser citados aos montes: a morte da travesti Dandara dos Santos no início de 2017, no Ceará, acontecimento baseado em uma represália física à sua condição de gênero. Dandara foi brutalmente assassinada a pedradas, murros, pauladas e tiros. (G1, 2017); outro caso cruel foi a morte de Itaberlly Lozano, de 17 anos, assassinado pela própria mãe, com a ajuda do padrasto e outros três jovens. O caso, ocorrido em 29 de dezembro de 2016, foi um grande marco de violência, onde a comunidade LGBTQ+ se uniu em luto e protesto. Itaberlly foi morto a facadas e em seguida foi carbonizado em um canavial, decisão tomada pela própria mãe para tentar esconder o corpo.

5 Representatividade Queer brasileira e atual

Nos últimos anos, é perceptível que a visibilidade da comunidade LGBTQ+ vêm sendo cada vez maior. O que era tratado como tabu nos anos 2000, agora começa a receber espaço na grande mídia, podendo tornar essa minoria menos invisível. Nomes que representam a comunidade estão sendo mais vistos nas televisões; rádios; jornais, dando seus pontos de vista sobre o país que mais mata travestis e que, ao mesmo tempo, mais busca temática trans em sites de conteúdo adulto. Num país repleto dessa hipocrisia, pessoas determinadas a mudar essa realidade aos poucos vem surgindo e recebendo oportunidade para mostrar sua voz. Uma ótima colocação que reflete esse pensamento é dita pelo rapper Lucas Boombeat em sua entrevista para a Agência Mural (2018): “Você não me dá voz, eu já tenho voz. O que eu preciso é de oportunidade”.

A comunidade começou a se tornar uma pauta presente e ativa no cotidiano comum, não sendo preciso se aprofundar em pesquisas para achar alguém que esteja representando ela. Essa representação está sendo muito mais fácil de se encontrar, podendo ser na arte; no jornalismo; nos esportes; em tudo. Cada vez mais essa minoria recebe oportunidades e público para se expandir e lutar pelos direitos e necessidades da comunidade.

Dois casos muito comentados, em suas respectivas épocas, foram: as campanhas Dia dos Namorados do O Boticário, de 2015 e Toda Mulher Vale Muito da L'Oréal Paris Brasil, de 2016. Seguindo em ordem cronológica, a campanha do Dia dos Namorados foi duramente criticada por conservadores devido à exibição de casais não heterossexuais (um casal de gays e um de lésbicas) comprando presentes e comemorando essa data especial com seus respectivos parceiros. Sendo que, na mesma propaganda haviam casais heterossexuais, dando uma ideia de totalidade na ideia de dia dos namorados. Em seguida, tivemos Toda Mulher Vale Muito que retratou de forma resumida a história de Valentina Sampaio tirando sua primeira foto para sua carteira de identidade como uma mulher, haja visto que no país a adaptação de gênero nos documentos é um caminho complicado a

se fazer por pessoas transgêneras. A campanha abraçou de uma forma ampla todas as mulheres, sendo elas cis ou trans, dando um grande passo para a visibilidade de pessoas trans.

Temos, na música, cantoras como: Pablllo Vittar, drag queen que recebeu muita visibilidade nos últimos meses; Daniela Mercury, que a tempos faz sucesso e agora segura a bandeira da luta como mulher e como lésbica; Preta Gil e Mulher Pepita, sendo uma mulher bissexual e uma travesti respectivamente. Todas elas atingem públicos amplos em seus diversos estilos e em prol de uma mesma luta. Nessa Copa do Mundo sediada na Rússia, repleta de ameaças homofóbicas vindas de russos, para com os torcedores LGBTQ's que pretendem ir assistir os jogos, temos Fernanda Gentil como comentarista esportiva, sendo uma mulher assumidamente lésbica em um dos países que atualmente a “propaganda homossexual” é considerada crime.

Ainda na área do esporte, só que agora nas quadras, temos Tiffany Abreu, jogadora de voleibol transexual que participou de uma grande polêmica no ano de 2018 sendo impedida de receber uma posição na Federação Internacional de Vôlei (FIVB) a pedido do Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), sofrendo ataques sobre a controversa de já “ter sido um homem” jogando na categoria feminina, porém um respaldo do Comitê Olímpico Internacional (COI) afirma que ela poderia participar de jogos oficiais, sem a necessidade da cirurgia de redesignação sexual, caso tivesse testosterona abaixo de 10 nanomols por litro de sangue, sendo que a mesma possui 0,2 nanomols e precisa fazer exames frequentemente para comprovar a quantidade.

Voltando para a música, recentemente cinco MC's (Mestre de Cerimônia), independentes, queer's se uniram em prol de uma luta: quebrar o tabu de que o rap é um espaço só de homens heteros. Os rappers: Guigo; Murilo Zyess; Harlley; Lucas Boombeat e Tchelo Gomez foram os primeiros a produzir um Cypher LGBTQ+ do Brasil e da América Latina, denominado Quebrada Queer. Esse tipo de produção musical (Cypher) foi escolhida por não ter formato comercial (cerca de 3 minutos); ser a junção de rapper's solos formando rimas originais e não improvisadas, sendo aberto a mensagem de cada um; relativa facilidade de produção; força coletiva e possibilidade de apreciar e comparar vários MC's diferentes.

A *Quebrada Queer* teve início pelo pensamento da não existência de nenhuma Cypher com essa temática. Em sua letra mensagens de aceitação e luta são o foco, tendo cada um dos rapper's suas próprias referências, vivências e inspirações para compor seus trechos individuais. Essa junção foi uma das inspirações para a escolha do tema e pesquisa deste artigo. A forma que foi abordada foi muito pessoal e tocando, cada um deles passando sua própria visão sobre a forma que sofreram opressão da sociedade por serem gays, afeminados, negros e periféricos. Para muitos a Cypher pode ser apenas uma música, mas para todos aqueles que já passaram por esses desconfortos é um tipo de “grito” de desabafo e coragem, colocando para fora todos os sentimentos e medos reprimidos.

6 Resultados

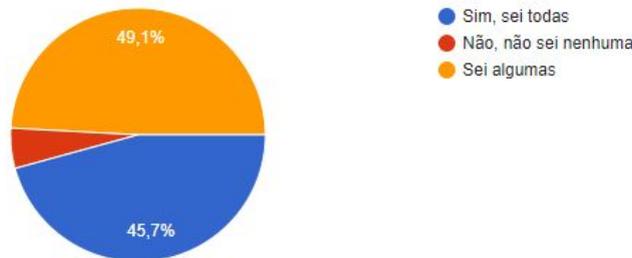
A última sessão deste artigo baseia-se em duas pesquisas realizadas no ambiente digital, usando aplicativos do próprio Google, com aproximadamente 300 pessoas, que se identificam ou não Queer. As perguntas eram de múltipla escolha com diversos assuntos pertinentes a comunidade LGBTQ+ e experiências vividas em relação a sexualidade e gênero dos participantes.

O primeiro questionamento feito, foi se os participantes conhecem todas as letras dentro da Comunidade LGBTQ+. Os dados coletados, como mostra o gráfico abaixo, demonstram

que 45,7% (134 pessoas) sabem todos os respectivos significados, 49,1% (144 pessoas) sabem alguns dos significado, porém não todos. Por último 5,1% (15 pessoas) não sabem o significado de nenhuma das letras. Podemos observar que a grande maioria consegue entender sobre o que se trata cada uma das letras, mesmo que quase 50% não conhecem todas, pois as mais comuns (LGBT) são de conhecimento geral.

Você sabe o significado de cada uma das siglas de LGBTQ+?

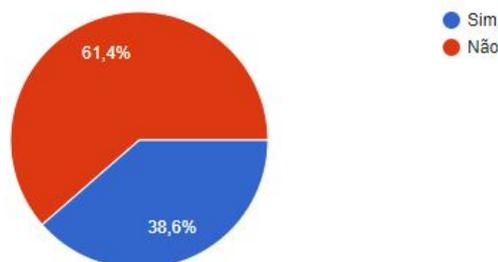
293 respostas



Em seguida, foi feito um questionamento direto, sem grandes explicações, sobre se as pessoas conhecem o significado do termo Queer. 61,4% (180 pessoas) não sabem o significado, o que de fato não é algo surpreendente, o termo mesmo que se expandindo, ainda não é de amplo conhecimento das massas, mas sim de grupos específicos mais aprofundados na Cultura LGBTQ+. Os conhecedores do termo foram de 38,6% (113 pessoas).

Sabe o que significa o termo "Queer"?

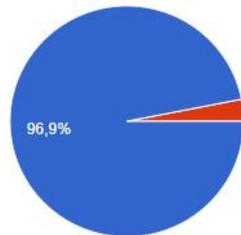
293 respostas



As próximas duas perguntas usamos assuntos menos específicos. Sendo elas, se a pessoas saberia o que é gênero e o que é sexualidade, seus resultados foram bem próximos, em ambos os casos esclarecedores. Sobre gênero, 96,9% (284 pessoas) sabem o que é gênero, em contra ponto 3,1% (9 pessoas) não sabem, o que até compreensível, devido ao uso do termo “sexo” para definir o que é masculino/feminino, então o termo gênero parece algo diferente em relação à complexidade, pois se trata de uma construção social que impõe o que “são” homens e mulheres. A outra pergunta foi sobre sexualidade, sendo que 99% (290 pessoas) sabem o que é sexualidade e 1% (3 pessoas) não sabem.

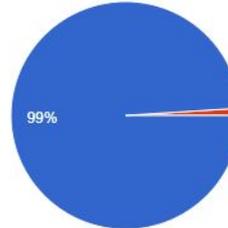
Você sabe o que é Gênero?

293 respostas



Você sabe o que é Sexualidade?

293 respostas



● Sim
 ● Não

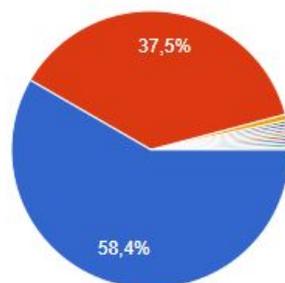
Essas duas perguntas feitas, geram continuidade, vendo que a maioria das pessoas saberia dizer o que é gênero e sexualidade, decidimos perguntar qual era o gênero e sexualidade delas, como esses questionamentos têm um cunho mais pessoas, essas respostas não seriam obrigatórias. Os resultados foram muito diversos e surpreendentes, por motivos bons e ruins, dentro das respostas houveram algumas que fugiram do que foi proposto, mostrando que de fato existem pessoas que não conhecem os significados dos termos.

A primeira foi em qual gênero os envolvidos tinham mais proximidade ao se identificar, 58,4% (171 pessoas) responderam Masculino; 37,5 (110 pessoas) responderam Feminino; 1,5% (5 pessoas) Queer/Não Binário; 0,3% (1 pessoa) não sabe; 1,5% (5 pessoas) responderam afirmando suas sexualidades, o que não era o que foi perguntado.

A segunda foi perguntado sobre sua sexualidade, também sendo optativa. Esse foi o gráfico mais variado e menos predominante em número de respostas. 39,6% (116 pessoas) afirmam ser Homossexuais; 31,7% (93 pessoas) afirmam ser Heterossexuais, 23,9% (70 pessoas) afirmam ser Bissexuais, 2,7% (8 pessoas) afirmam ser Pansexuais, 1,4% (4 pessoas) afirmam ser Assexuais e 0,3% (1 pessoas) não sabe ou não sabe responder sobre sua sexualidade.

Você se sente pertencente a que gênero?

293 respostas

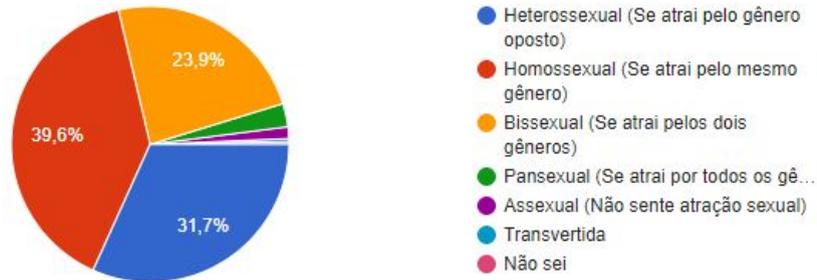


● Masculino
 ● Feminino
 ● Bissexual
 ● Queer/Não binário
 ● Transvertida
 ● nenhum dos dois ou o feminino
 ● Homossexual
 ● Andrógono

▲ 1/2 ▼

Dentre as opções, qual é a mais próxima de sua sexualidade?

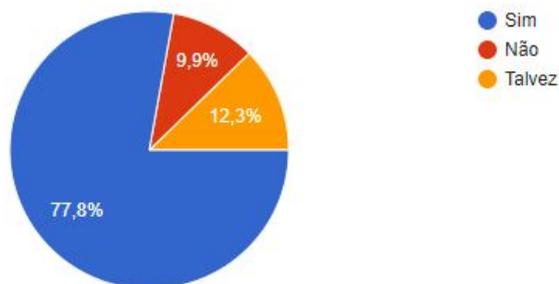
293 respostas



O próximo dado questiona o conhecimento das pessoas em relação a Transexualidade. Essa foi uma das perguntas que mais causou espanto. 77,8% (228 pessoas) saberiam dizer o que é uma pessoa Trans sem a explicação dada na pergunta, 12,3% (36 pessoas) talvez conseguiriam explicar o que é uma pessoa Trans e 9,9% (29 pessoas) não saberiam explicar. O inusitado foi que a grande maioria sabe ou tem noção do que seria uma pessoa trans e, de acordo com os mesmos dados, nem todas essas pessoas saberiam dizer o que é um pessoas Cisgênera.

Sabendo que Transgênero é uma pessoa que nasceu com o gênero diferente do sexo que lhe foi atribuído ao nascimento. Você saberia dizer o que é Transgênero, sem essa explicação?

293 respostas



Os próximos seis questionamentos são feitos em “dupla”, são perguntas “espelhadas” sobre vivências gerais em relação a sexualidade e gênero. A primeira dupla é sobre ter visto alguma discriminação em relação a sexualidade e gênero. A maioria, em ambos os casos, deram resposta positivas, presumindo que é bastante comum no Brasil a discriminação entre qualquer variável do padrão Cis-hétero, até mesmo entre pessoas fora desse padrão, exemplo disso são: gays heteronormativos discriminando gays afeminados.

Em seguida, o segundo conjunto foi sobre já ter sido alvo de discriminação de gênero ou sexualidade. A maior parte afirma não ter sofrido em relação a seu gênero enquanto, em contraponto, quase a mesma porcentagem afirma já ter sofrido discriminação em relação sua sexualidade.

Por final, para poder chegar a uma conclusão, perguntamos se essas pessoas já praticaram a discriminação contra a sexualidade e gênero de outros. A resposta é bem contraditória, sendo que muitas vezes nós não conseguimos perceber quando fazemos comentários preconceituosos, devido a nossa construção social. Desde chamar uma mulher de promíscua por se relacionar com vários homens, haja vista que quando um homem se relaciona com várias mulheres e é “aplaudido”, até dizer que um gay é “menos” homem que um hétero, são formas veladas e discretas de preconceito. O que foi visto nas pesquisas é que a maioria afirma que nunca ter praticado nenhum ato de discriminação, o que de fato pode ser algo duvidoso, tendo em mente que muito do que dizemos ou pensamos que para nós não é nada demais, pode ser o motivo do sofrimento de muitas dessas pessoas que estão fora do que é “aceitável” socialmente.

7 Considerações finais

Com base em nossas pesquisas para escrever esse artigo, e nas respostas dos questionários virtuais, somos capazes de observar que há muito a ser discutido sobre a temática LGBTQ+. Estamos em um dos países que mais mata e discrimina essa minoria e podemos dizer que grande parte da nossa população não sabe nem ao menos o que e por que ser um LGBT é ruim ou errado, apenas aprenderam assim e continuam a perpetuar essas informações sem serem capazes de questionar o motivo disso.

A cultura e teoria Queer tem muito a ser estudada e desvendada por meio das novas realidades e vivências que o século XXI nos traz. Estamos começando a ver a mudança de comportamento dos cidadãos com essa temática, sendo capazes de respeitar muitas vezes sem entender sobre o assunto, que é muito debatido em cenário acadêmico, porém excluído do cenário social, afinal vivemos em um país que a grande maioria não têm escolaridade. Devemos ser capazes de levar esses assunto não só para a sala de aula ou para congressos com grandes pensadores, mas sim para a massa, para que o grande massacre que existe para com os LGBTQ+ possa deixar de existir e essas pessoas possam começar a viver sem temer sair nas ruas com um “alvo em suas costas”; com medo de serem quem são por represálias ou por simplesmente serem prejudicadas em seu âmbito familiar ou profissional, devido a incapacidade de aceitar o diferente, coisa que pregamos cotidianamente.

De fato podemos concluir que estamos em uma etapa crucial de transição, não é por ser ou não ser um LGBTQ+ que não se pode evoluir. Aprendemos e fomos criados com nossos próprios preconceitos e fatores que nunca aceitamos, seja nosso corpo, nosso cabelo ou com seu vizinho que dorme. Ainda assim, aos poucos vemos que existe uma evolução: nossa cultura machista está sendo reduzida e repudiada pela população, que mesmo vivendo entrelaçada nessa cultura, começa a se ver lutar contra ela; a violência, mesmo muito frequente, contra essas minorias sociais, mesmo se reduzindo aos poucos, vem aliviando a tensão para essas pessoas que são cada vez mais aceitas e acolhidas. A realidade pode ser cruel, muitos gays e lésbicas jovens sendo expulsos de casa; muitas garotas trans e travestis tendo que se prostituir para poder se alimentar; essas são realidades que ainda existem, mas com o conhecimento e o avanço que estamos passando esperamos que em um futuro próximo isso se torne história.

“Esse é só o primeiro desabafo que está entrando pra história e com certeza o meu pai não ia se orgulhar. E mesmo assim eu vou falar, por mim e todos que hoje eu tô para representar, e eles vão me julgar, sempre vão me julgar, mas nas minhas crises nenhum deles vai me abraçar.” (HARLLEY, Quebrada Queer, 2018)

Referências bibliográficas

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999, p. 27 e 57.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber 1**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. São Paulo: Autêntica Editora, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Criticamente subversiva**. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgressoras. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria editorial, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VIEIRA, Helena. **Teoria Queer, o que é isso?**. 2015. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/06/07/teoria-queer-o-que-e-isso-tenso-es-entre-vivencias-e-universidade/>

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Oscar Wilde**. 2014. Disponível em: https://www.ebiografia.com/oscar_wilde/

COLLING, Leandro. **Teoria Queer: mais definições em trânsito**. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>

MIRANDA, Olinson Coutinho. **A teoria queer como representação da cultura de uma minoria**. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/A-teoria-queer-como-representacao-da-cultura-de-uma-minoria.pdf>

QUEBRADA Queer. **Agência Mural**. 5m37s, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G1HAntKeEEc&t=28s>

RÚSSIA 2018. **Veja**. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/torcedores-homossexuais-que-vao-a-copa-na-russia-relatam-ameacas/>

DESEMPENHO da trans Tiffany na Superliga Feminina provoca discussão. **Gazeta Online.** 2018. Disponível em: https://www.gazetaonline.com.br/esportes/mais_esportes/2018/02/desempenho-da-trans-tiffany-na-superliga-feminina-provoca-discussao-1014118430.html

TIFFANY fica fora da Seleção de vôlei, mas não por opção de Zé Roberto. **Folha de São Paulo.** 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/04/tiffany-fica-fora-da-selecao-de-volei-mas-nao-por-opcao-de-ze-roberto.shtml>

QUEER, Quebrada. **Música: produção Rap Box.** 2018. Disponível em: <https://youtu.be/FwktAmgku68>

BRASIL é o país que mais procura por transexuais no RedTube - e o que mais comete crimes transfóbicos nas ruas. **Super interessante.** 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/brasil-e-o-pais-que-mais-procura-por-transexuais-no-redtube-e-o-que-mais-comete-crimes-transfobicos-nas-ruas/>

TRAVESTI Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará. **G1.** 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-se-cretario-andre-costa.html>

CORPO queimado em canavial é de rapaz morto pela mãe por ser gay. **Estadão.** 2017. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral.corpo-queimado-em-canavial-e-de-razapaz-morto-pela-mae-por-ser-gay,70001890284>

TODA Mulher Vale Muito. **L'Oréal Paris Brasil.** 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3J8CiwL4BCo>

DIA dos Namorados O Boticário. **O Boticário.** 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p4b8BMnolDI>